
O UNIVERSO AO LADO: UM CATÁLOGO BÁSICO SOBRE COSMOVISÃO

CINTYA DE ABREU VIEIRA [*cintyadeabreusantana@gmail.com*]

Sire, J. W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão, 4. ed. São Paulo: Hagnos, 2009.

Sire nasceu em Nebraska. Formou-se em química e inglês pela Universidade de Nebraska e fez mestrado em inglês pela Washington State College. Possui PHD em inglês na Universidade de Missouri. Atuou como oficial do exército e professor universitário de literatura, filosofia e teologia. Trabalhou como editor-chefe da Editora Intervarsity Press (Editora-Cristã). Palestrou em mais de 200 universidades nos Estados Unidos da América, Canadá, Europa e Ásia, entre outros lugares. Escreveu mais de vinte obras sobre literatura, filosofia e fé cristã. A obra aqui apresentada, *O universo ao lado* foi publicada em 1976. Já foram vendidas mais de 350.000 cópias e foi traduzida para 19 línguas estrangeiras.

Inicialmente o autor nos apresenta o assunto principal do qual o livro trata: Cosmovisão, que se caracteriza como uma visão de mundo. É um comprometimento, ou seja, a forma como alguém sente e pensa sobre o mundo. Não envolve só a mente, mas também o coração. Essa cosmovisão pode ser expressa como história ou conjunto de pressuposições. Pode ser consciente ou inconsciente, e ainda pode ser consistente ou inconsistente. De forma inconsciente ou consciente todo ser humano possui uma cosmovisão. Conhecê-la é a melhor forma de ter autoconhecimento, autoconsciência e autoentendimento. Em seguida, ele apresenta os quatro propósitos da obra. O primeiro é mostrar as principais cosmovisões que influenciam a vida das pessoas ocidentais. O segundo é apresentar como tais cosmovisões se desenvolveram desde sua ruptura com a cosmovisão teísta. O terceiro propósito da obra é apresentar a influência do pós-modernismo sobre as cosmovisões. E por último a obra objetiva levar as pessoas a ter consciência de sua própria cosmovisão não somente para se autocompreender, mas também para melhor se comunicar em uma sociedade pluralista.

Em seguida o autor nos apresenta a cosmovisão teísta. Essa dominava no mundo ocidental, até o fim do século XVII. Atualmente há muitas cosmovisões que consoante o autor, derivam do teísmo cristão. As principais crenças dessa cosmovisão são: Deus é infinito e pessoal, transcendente e imanente, onisciente, soberano e bom. Deus criou o cosmo para operar com causa e efeito em um sistema aberto. Os seres humanos são criados à imagem de Deus. O ser humano foi criado bom, porém caiu, há o plano da redenção, mas o homem tem o livre-arbítrio para escolher. A ética está alicerçada no

caráter de Deus. A história é linear e leva ao cumprimento do propósito de Deus para humanidade. Tal cosmovisão é completa e coerente.

No final do século XVII houve um caos por discursões filosóficas e religiosas e o deísmo surge como solução. Nessa cosmovisão, diferente do teísmo: Deus passa a ser entendido pela razão, visto apenas pela “natureza”; O universo é como um imenso relógio e Deus como um relojoeiro; Deus criou o universo e deixou que funcionasse por conta própria; O mundo criado por Deus já está determinado; E a ética está restrita à revelação geral. O deísmo exerceu domínio sobre o mundo intelectual da França e Inglaterra, do fim do século XVII até a primeira metade do século XVIII. Não obstante, foi instável e efêmero. Por conta de algumas inconsistências em suas preposições e também a impraticabilidade de seus princípios. As principais incoerências internas foram no âmbito da ética e da epistemologia, hoje há mais aspectos a serem questionados.

De acordo com o autor, o deísmo é importante para o naturalismo surgir prontamente. No Teísmo Deus é o criador pessoal e infinito, sustentador do cosmo. No deísmo, Deus é reduzido. No naturalismo, Deus perde sua existência. Existem muitos personagens envolvidos nessa mudança do teísmo para o naturalismo, no período de 1600- 1750, como René Descartes, John Locke e Julien Offray de La Mettrie. Algumas das principais preposições do naturalismo baseiam-se em que: Deus não existe, o cosmo é um sistema fechado, os seres humanos são “máquinas” complexas, a história não tem nenhum propósito e a ética está relacionada apenas aos seres humanos. O naturalismo tem apresentado um grande poder de permanência. Entretanto, antes de findar o século XX, apareceu defeitos na estrutura do naturalismo. O problema era a incoerência. O valor foi a primeira questão incomoda. Segundo, poderia um ser cujas origens eram tão “questionáveis confiar em sua própria capacidade de conhecimento?

As contradições presentes no naturalismo levaram ao niilismo que é uma negação de todas as cosmovisões, da filosofia e da possibilidade de conhecimento. O niilismo nega até mesmo a realidade de sua própria existência, nada tem significado. Sire aponta três pontes que levaram o naturalismo ao niilismo. A primeira é que o naturalismo não fornece uma base sobre a qual a pessoa pode agir de modo significativo. A segunda é que o ser humano é resultado de forças impessoais, portanto não é possível conhecer. Por último, não há um fundamento para os valores, isso levou ao niilismo ético. As pessoas não conseguem conviver com essa cosmovisão, porque o niilismo nega o fato da necessidade intrínseca do ser humano de sentido, valor, significância, dignidade e valia.

O existencialismo possui duas formas básicas que são: ateísta e teísta. O existencialismo ateísta surgiu para resolver o problema do naturalismo que leva ao niilismo, já o existencialismo ateísta nasce em meados do século XIX, Soren Kierkegaard reage à ortodoxia morta do luteranismo dinamarquês. Mas é só após a Segunda Guerra Mundial que o existencialismo ateísta se torna culturalmente importante. O interesse do existencialismo está em nossa humanidade e como podemos ser significantes em um mundo insignificante, algo divorciado da realidade. As duas formas de existencialismo são opções para

alguns que não querem adquirir totalmente nem ao naturalismo nem ao teísmo. Portanto, durante muito tempo essas duas formas diferentes de uma mesma cosmovisão estarão conosco.

As cosmovisões do ocidente se tornam um labirinto de contradições, portanto os ocidentais migram para o pensamento oriental. Um dos fatores que contribuiu para isso é que os orientais têm uma tradição mais longa que o Ocidental. A cosmovisão oriental mais popular é o monismo panteísta que forma a base do sistema hindu e do budismo. Após analisar essa cosmovisão o autor conclui que ela aparenta não suprir a necessidade de significância e esperança do homem ocidental.

A mudança do pensamento ocidental para o oriental é radical e exige um nível de adequação alto por ser uma cosmovisão estrangeira. Surge a necessidade de buscar uma nova consciência em um modelo ocidental. Surge, então a nova era que está em processo de formação. Na década de 70 em diante houve importantes publicações em revistas que propagavam as ideias da nova era. Essa cosmovisão não é efêmera e passageira, mas abrange várias disciplinas, das humanas às exatas e muitos representantes. Ela tem suas esperanças fundamentadas no modelo evolucionista que faz parte do naturalismo ocidental, possui ainda raízes no panteísmo oriental e no antigo animismo. Portanto, é altamente sincrética e eclética, isso impossibilita que seja um sistema unificado. Por tudo que é avaliado o autor sinaliza que não se trata de uma cosmovisão com soluções concretas e confiáveis para o homem ocidental.

A última análise do autor é sobre o Pós-modernismo. Que não há como catalogar como fez com as outras cosmovisões. Pois, o pós-modernismo nem mesmo pode ser considerado uma cosmovisão. Principalmente pelo termo ter se originado dentre da sociologia ao invés da filosofia. O reconhecimento da morte de Deus é o começo da sabedoria pós-moderna. Para tal posicionamento não há mais uma única história, uma cosmovisão que mantenha a cultura ocidental unida. Aqui a literatura passa a exercer o papel de linha de frente. A vanguarda está sempre em movimento. Diante disso, por uma razão todo o movimento pós-moderno pode estar em apuros. Percebe-se que tal movimento não nos levou além do naturalismo, entretanto nos concedeu um conjunto de incertezas completo.

É notório a habilidade do autor para tratar a temática abordada. É um conteúdo de difícil compreensão, pois envolve conceitos da filosofia e outras disciplinas complexas. Contudo o assunto é transmitido sem muitas complicações. A forma como cada capítulo foi organizado facilita a assimilação das ideias. Vale lembrar que como o próprio autor reconhece, há muito mais para saber sobre cada cosmovisão, porém o essencial é apresentado.

É indiscutível o fato que todos possuem uma cosmovisão ainda que boa parte das pessoas não são coerentes com o que creem e outras desconhecem a própria cosmovisão. Sócrates já dizia: “A vida não examinada não vale a pena ser vivida”. Todos precisam conhecer sua cosmovisão e viver de acordo com tal. É preciso adotar uma visão de mundo que satisfaça, que traga esperança e respostas as preposições básicas.

Percebe-se que do Deísmo em diante, todas as cosmovisões falharam em responder perguntas fundamentais. Além das cosmovisões apresentadas na obra há uma série de outras que surgem na utopia de saciar a necessidade humana. A ruptura com o teísmo cristão resultou em desespero. Todavia, ele não foi abandonado por inconsistências, mas sim por um contexto de exacerbada razão. Razão essa que tem levado a insanidade.